

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

1

2

3

4

5

6

01 Fiaminghi, amigo do coração, 01
02 nao vou até aí, no sába- 02
03 do, dia de seu aniversário. Preciso ir para a Lagoinha, como medida te- 03
04 rapéutica, pelo muito que estou cansado e consumido. 04

05 Mas, como só os amigos sabem, há jeito de ficar com 05
06 você sem chegar até sua casa, sua deliciosa casa. Fico com você no cora- 06
07 ção, isto é, continuo com você no coração, onde você sempre esteve e de 07
08 onde só vai sair se fizer muito esforço e questão. Do contrário, seu 08
09 lugar é lá, no coração. E me faz muito bem. 09

10 Como se estivéssemos conversando, vou dizendo que mi- 10
11 nha vida se entriqueceu muito, depois de 1.968. Pelo menos três amigos 11
12 vieram para minha vida e não saíram mais: você, o Budapéstico e o José 12
13 Luís, baiano louco, como você é italiano louco, quer dizer, não são lou- 13
14 cos naquele sentido mais nosocômico, mas não são normais no sentido de 14
15 serem muito horizontais e sem novidades. Como foi que comecei a me desini- 15
16 bir e ver uma obra de parte plástica com coragem e com uma nesga de se- 16
17 riedade? Foi no Atelier, crescendo na mesma medida que seus alunos iam 17
18 caminhando do mere traçado de duas paralelas até o início de traçados 18
19 menos simplistas e o rompimento do complexo da cor, deixando as coisas 19
20 e cores óbvias e perseguindo harmonias menos obrigatórias. Fui com eles, 20
mesmo não riscando uma linha e só sendo autor de um "fundo" que se con-
serva ainda virgem, em algum lugar da Prefeitura.

21 E o carinho que a gente foi sentindo de devagar invadir- 21
22 de os sentimentos e tomando conta da gente, sem polícia e sem acanhamen- 22
23 to: de repente, foi fazendo falta o encontro de sábado e as madrugadas 23
24 de domingo e a rápida alienação do mundo imediato, seja por álcool, se- 24

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

1

2

3

4

5

6

01 ja porque aquela vida nossa não era do comum das gentes e os nossos se- 01
 02 nhos não nos tiravam de todo do chão. Quer dizer, se havia insensatez, 02
 03 era a insensatez permissível: dentre outras coisas nós chegamos ao liris- 03
 04 mo de acreditar que havíamos criado uma coisa definitiva. O Sobral, esse 04
 05 exemplar cretino das Artes, provou que, dentro de nós, ainda estava o 05
 06 Quixote, agora armado de pincel, ou de lira, mas do mesmo modo, lutando 06
 07 com os moinhos que possuíamos. Cada um escolhe o seu. Nós fiámos com a 07
 08 ilusão de que o mundo já estava pronto para receber tanta beleza. E não 08
 09 estava. Pelo menos, não estava em São José dos Campos. Se serve de conso- 09
 10 le, dá para dizer que ainda não está, agora que um outro inergúmeno sub- 10
 11 tituiu aquele do nosso tempo, o que veio em lugar do Veloso, o último 11
 12 humanista popular do Brasil. 12

13 Foi uma das épocas mais felizes de minha vida. Nem 13
 14 mesmo os diplomas, os cursos de post-graduação, Nada. Depois daquilo, 14
 15 só a Miriam, que é maravilhosa e minha muleta em toda caminhada. Toda. 15
 16 Eu ~~xxxxxxx~~ amanhceia vendo uma obra de arte e dormia ouvindo música, 16
 17 ao vivo, feita por nós. Não era bem uma vida. Era mais que isso. Era um 17
 18 estado mágico. Uma ~~suprarrealidade~~ ^{suprarrealidade}. De vez em ~~quando~~ quando, descíamos pa- 18
 19 ra esse primeiro andar do mundo e assinávamos um cheque, despachaávamos 19
 20 um papel, fazíamos uma visita para o cotidiano. No mais do tempo, ficá- 20
 21 vamos lá pelo Eden, perto do Olimpo, sugando uvas do jeito que podíamos 21
 22 ter o nosso vinho. 22

23 Construiu minha vida e vocês três armaram tudo para 23
 24 que eu soubesse, na carne, o gozo bom da fortuna, essa coisa envolta em 24
 25 neblina, que a gente sabe que existe mas não põe a mão, como acontecia 25
 26 com os substantivos abstratos de antigamente. 26

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
1 2 3 4 5 6

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Italinano, você acha que um cara com esse tipo de sentimento do mundo e com esse jeito de olhar o carcamano do meu coração, precisa dizer mais alguma coisa para justificar minha estima e meu carinho por você? Estou vendo você dizer que não precisa, cheio de lágrimas, ou às gargalhadas. Mas nao precisa, isso é que é importante.

Um abraço do amigo no sol e na chuva,
em qualquer tempo, o Luiz Gonzaga
faz m'dn Campos 19/10/1977

Instituto de arte contemporânea